

Daniel Omar Perez
Paulo Beer
Vanessa Chreim

Sobre a estrutura discursiva do mundo atual

Realização Bruno Esposito, Camila Junqueira, Gisela Haddad, Ivy Semiguem e Lucas Simões Sessa.

Daniel Omar Perez é professor de filosofia, pesquisador e psicanalista. Autor de livros como *Kant e o problema da significação* (Champagnat, 2008); *O Inconsciente: onde mora o desejo* (Civilização Brasileira, 2012); *Ontologia sem espelhos. Ensaio sobre a realidade* (CRV, 2014) publicado também na França pela Editora Harmattan, *Sentimentos em conflito* (PHI, 2019), *O pêndulo de Epicuro* (CRV, 2019). Em 2021 e 2022 publicou a tradução das *Reflexões de Antropologia* de Kant, livro I, livro II, livro III (Editora Langage).

Paulo Beer é psicanalista, doutor em Psicologia Social (IPUSP), professor e orientador convidado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (IPUSP). Editor de *Lacuna: uma revista de psicanálise*, da *Revista Traço* e editor associado da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Autor de *Psicanálise e ciência: um debate necessário* (Blucher, 2017) e *Verdade e sofrimento: psicanálise, ciência e a produção de sintomas* (Perspectiva, 2023).

Vanessa Chreim é doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-SP), membro do LIPSIC, do GBPSF e do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É autora do livro *Dimensões da Recusa* (Blucher, 2021).

Embora o negacionismo como um fenômeno sociopolítico e cultural – em que fatos comprometedores ou violentos são maquiados ou “esquecidos” – possa ser considerado antigo, as manifestações de negação histórica e a luta contra elas que acontece atualmente em um cenário midiático-digital global – muitas vezes sob um véu relativo de anonimato e impunidade – têm permitido a adesão ilimitada de pessoas para disseminá-las. Tal adesão acontece seguindo a rápida e potente troca de informações entre usuários do mundo todo pela internet, que afetam de forma direta ou indireta, negativa ou positiva a vida de todos. São regras novas, que de certa forma questionam e até substituem os antigos pactos sociais que, através dos constrangimentos, permitiam uma convivência em que as diferenças deveriam ser respeitadas. Ao ser alçada à nova gestora das trocas inter-humanas, a Internet e suas redes sociais impuseram uma nova gestão do convívio humano. São elas que permitem ou não que alguém receba de imediato o respaldo e suporte de mais pessoas, criando tanto um cenário de acolhimento quanto de linchamento, assim como são capazes de unir uma multidão em torno de um sentimento de pertencimento recíproco, identificados entre si como “nós” e separados pelo outro, “eles”, os de fora.

É neste contexto que temos visto o negacionismo ganhar musculatura com a adesão fascinada de muitos a uma “outra” realidade – em parte pelo aceno a um possível conforto psíquico na desresponsabilização dos custos e implicações das escolhas do viver – enquanto outros assistem, assustados e impotentes, a cenas de uma realidade social absurda, em meio a discursos totalitários



e à homogeneização de formas de expressão que impossibilitam a circulação crítica.

Seja na negação da legitimidade de consensos, ou na defesa de ideais absolutos, estão em jogo não só outros modos possíveis de relação com a verdade, mas de se estar no mundo. Uma era de rápida velocidade de produção e circulação da informação em que os fatos cedem espaço aos apelos a emoções ou crenças pessoais, e as formas tradicionais de organização, seleção, classificação e exclusão discursivas – sejam elas inconscientes ou não – são colocadas em xeque em um ambiente em que não só não há mais uma autoridade estabelecida, como é possível a qualquer um dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto da

Cortázar afirmava que as palavras ficavam doentes e cansavam, perdiam sua utilidade e ficavam esgotadas.

maneira que bem entender. Com potencial para se espalhar rapidamente, a circulação das informações foge a qualquer controle, e tem impactado inclusive os rumos de democracias contemporâneas.

A seção Debate da revista Percurso convida psicanalistas a refletir sobre o tema.

Daniel Omar Perez *O declínio da palavra*

Na década de 1930, Sigmund Freud parecia se conformar pelo fato de massas entusiasmadas e enfurecidas estarem queimando seus livros em vez de o queimarem. Não sabia que alguns anos depois a maior parte da sua família e seus amigos seriam assassinados em campos de extermínio e ele próprio deveria fugir para a Inglaterra. Um discurso sustentava um gozo que semeou de corpos mortos os campos de batalha, as ruas e os campos de extermínio na Europa. Tratava-se de um discurso articulado, com palavras precisas, uma identificação com a imagem do líder (salvador, protetor, mãe, guia, pai aterrorizador) que fazia do grupo uma coesão de irmãos, uma fraternidade de iguais onde os desiguais eram eliminados.

No dia 24 de março de 1981, na cidade de Madri, o escritor argentino Júlio Cortázar, radicado em Paris, primeiro por opção e depois em exílio obrigatório, proferiu um discurso num evento convocado pela CADHU (Comissão Argentina de Direitos Humanos). A ocasião era o aniversário do golpe de Estado cívico-militar da

Argentina de 1976. Naquela oportunidade, Cortázar afirmava que as palavras ficavam doentes e cansavam, perdiam sua utilidade e ficavam esgotadas. Existem palavras que, pelo seu uso, peso, densidade, valor, volume, massa, espessura, tonalidade e ritmo podem nomear aquilo que está entalado na garganta e, assim, permitir levar adiante um processo analítico, uma implicação na cena que se relata, uma mudança de posição subjetiva. Também sabemos que uma palavra pode ser uma pedrada na cabeça, uma carga nos ombros, o gume afiado de uma faca ou uma bomba.

Em seu discurso Cortázar nos adverte acerca das palavras que são tão usadas em reuniões, colóquios, mesas-redondas, debates, tribunais e comissões que ficam sem aderência. São palavras-sabonetes que escorregam entre os dentes e a língua fazendo vibrar os lábios. Assim, a boca toda constitui o órgão emissor de sons que deslocam sem articular a possibilidade de um efeito de sujeito ou um laço para alguém do gozo que se esgota em si mesmo em uma economia de movimento entrópico. Trata-se de palavras gastas ao



*o projeto europeu burguês
do esclarecimento criou a ilusão
de que com informação
e com educação o obscurantismo
seria vencido.*

serviço de um gozo que consome o próprio sujeito em questão. Vou dar exemplos. Nos anos 1960-1970, os golpes de Estado cívico-militares, executados em quase todos os países da América Latina, para nos salvar da tirania, do terror, da falta de liberdade e do obscurantismo do comunismo aplicavam projetos sistemáticos de tirania, terror, falta de liberdade e obscurantismo. A ditadura argentina de 1976-1983 divulgava uma publicidade que afirmava “os argentinos somos direitos e humanos” enquanto violava todos os direitos humanos em um genocídio que sequestrou, torturou, matou e fez desaparecer pessoas. Boa parte da população justificava o crime de Estado contra o outro setor da população dizendo “alguma coisa devem ter feito”. Acaso seria a justificativa e o autoengano de quem, aterrorizado pelo substituto do pai autoritário, repete frases que deve dizer, mas nas quais não acredita? Ou independentemente de acreditar ou não entra na cena gozando com a morte violenta do outro que não reprime seu desejo de emancipação?

Quatro décadas mais tarde daquele discurso de Cortázar a situação das palavras não é menos complexa. Algumas palavras são tão usadas em vídeos, mensagens de texto nas redes sociais, textos publicados em internet, comentários de postagens etc. que não têm senão uma espessura Imaginária ao serviço do gozo Real. Vou dar exemplos. Falar sobre racismo e conviver com ele é moeda corrente no Brasil tanto para os discursos de denúncia quanto para quem o nega. Parece que não há o que diminua os índices de jovens negros vítimas de mortes violentas na periferia. Os números e a crueldade são semelhantes às maiores guerras do planeta, mas tudo se passa como se

as palavras escorregassem como sabonetes. Discursos Imaginários e Gozo Real onde o amarre do Simbólico encontra-se foracluído. Isso é o que permite que alguém possa negar o racismo e o outro propalar o mais entusiasmado discurso de denúncia, desde uma universidade pública ou um poder judiciário onde as empregadas domésticas, na maioria mulheres negras, sejam terceirizadas, não tenham direitos trabalhistas iguais aos dos outros trabalhadores da mesma instituição, e seu salário seja o menor de todos, mesmo quando essas instituições têm a autonomia para acabar com esse racismo. Quando afirmo que o simbólico está foracluído da articulação imaginário-real, não significa que cada indivíduo que participa do grupo que repete palavras, segmentos de discursos ou discursos totalizantes possa, automaticamente, receber o diagnóstico de psicótico, digo que, ao não ter amarra, a situação é psicotizante. O patriota do país periférico que reverencia a bandeira do país imperial, a convenção de defensores da crença da terra plana que usa telefones satelitais, o anarquista que defende o direito de propriedade privada usando o aparelho de repressão do Estado, o privatista que tem décadas como funcionário público são exemplos não de sentenças autocontraditórias senão de um discurso Imaginário sobre um gozo Real.

O projeto europeu burguês do esclarecimento criou a ilusão, nas massas da classe média e dos intelectuais, de que com informação e com educação o obscurantismo seria vencido, a razão (o mais bem distribuído entre os seres humanos, segundo René Descartes), por fim, venceria a crença dogmática e se imporiam o melhor argumento. Nunca tivemos um nível de escolaridade mais alto do que hoje, nunca tivemos mais acesso à informação quanto hoje. Ingênua confiança no conceito europeu de consciência? Ou gozo mortífero ora na maquinária de extermínio nazista, ora nas ditaduras militares da América Latina, ora nos projetos neoliberais que, contra a globalização, globalizam não apenas um modo de exploração econômica senão também modos de sofrimento psíquico, sintomas diagnosticados



de forma padronizada acompanhados de tratamentos farmacológicos precisos?

As condições materiais de existência se sustentam no deslocamento incessante de palavras onde o gozo gasta os corpos produzindo depressão, burnout, tdah, tode, toc como significantes com os quais se identificar na exaustão, na impossibilidade de estabelecer laços, de suportar a diferença.

Paulo Beer

Negacionismo, razão e afeto

Pensar o negacionismo hoje, passada a pandemia, é uma tarefa mais profícua do que em meio a uma emergência. Os ânimos exaltados não colaboram com a escuta, nem dos outros, nem de nós mesmos; e talvez esse tenha sido um ponto limite das respostas possíveis que encontramos (ou não) quando foi preciso enfrentar um governo negacionista em meio a uma tragédia. Agora, é imperativo manter o tema quente para que possamos construir outras possibilidades.

O primeiro passo é diagnóstico. Muito se pensa no negacionismo enquanto negação da ciência, negação da história, negação da verdade. Afirma-se, também, tratar-se de uma sobreposição da emoção sobre os fatos. Construções usualmente solidárias entre si, e que podem levar a uma compreensão dicotômica, cuja insuficiência frequentemente resulta na acusação de que o outro é negacionista. Ainda mais grave, me parece, é a recorrente separação entre fatos e emoções, que flerta com um ideal de pureza da razão que mais atrapalha do que ajuda. Um flerte que se repete e continuará se repetindo, uma vez que a própria ideia de uma ciência que possa se sustentar somente sobre critérios puramente racionais parece não perder seu charme.

Contudo, se nos propusermos ultrapassar a simples deslegitimação daqueles que consideramos negacionistas e escutarmos o que dizem, algo surpreendente poderá ser encontrado: uma constante no discurso, não importa qual seja o objeto, que afirma que aquela é a verdadeira ciência,

se nos propusermos ultrapassar a simples deslegitimação daqueles que consideramos negacionistas e escutarmos o que dizem, algo surpreendente poderá ser encontrado.

ou a verdadeira história, ou os fatos verdadeiros. Aqueles que compartilham tais ideias são os únicos que não estão sendo enganados, e que muitas vezes se incubem de mostrar a verdade verdadeira aos outros, coitados subjugados pela ideologia dominante, deslumbrados por suas emoções que os deixam anestesiados frente a uma realidade tão cabal. Não é preciso fazer grandes esforços para perceber certa proximidade entre o que os dois lados dizem, deixando-nos a incumbência de levar a sério a pergunta sobre a diferença entre eles.

Afirmo, antes que perca qualquer possibilidade de simpatia de quem me lê, que entendo haver uma diferença, e que dizer que há dois lados não significa que eu considere que são dois lados iguais ou sequer comparáveis. Mas afirmo isso partindo de uma ideia bastante específica que me permite diferenciar posições negacionistas e não negacionistas: a legitimação de consensos. É isso que nos resta, se pensamos, por exemplo, a ciência para além de uma idealização pautada na enunciação do verdadeiro. E não é pouco. Filósofos da ciência como Isabelle Stengers, Bruno Latour e Ian Hacking demonstram, com clareza, como a força do conhecimento científico deriva de seu caráter provisório, conceitual, não absoluto. Compreendo, portanto, o negacionismo enquanto a negação da legitimidade de consensos, não somente de consensos estabelecidos específicos, mas do próprio funcionamento de um tipo de conhecimento que se sustenta em consensos. A posição negacionista derivaria da recolocação



podemos depreender que as ferramentas digitais não se limitam à reunião de pares, mas produzem, elas mesmas, traços identificatórios.

da verdade absoluta ali onde havia um consenso, um “ali deve uma verdade advir”.

Isso nos coloca duas questões: a primeira diz respeito à possibilidade de sermos negacionistas em relação ao (e não contra o) conhecimento produzido cientificamente. A segunda consiste na necessidade de compreensão das causas que levariam à substituição do consenso por uma verdade absoluta em nossa sociedade.

A primeira pode ser respondida de modo mais direto: sim, podemos ser negacionistas ao defender o conhecimento produzido cientificamente. Isso porque há uma diferença entre produto e processo, de modo que mesmo que o processo de produção de conhecimento se enquadre nas definições de científico (sejam lá quais forem), mesmo que a produção funcione através do estabelecimento de consensos, aquilo que foi produzido ganha certa autonomia em relação ao processo e permite diferentes tipos de relação. O conhecimento, uma vez produzido, é um objeto que nos ampara, com o qual podemos nos identificar e que, assim como pode ser criticado, pode também ser defendido com unhas e dentes, fechando-se às possibilidades de questionamento, isto é, transformando-o numa verdade absoluta. O mesmo pode ser afirmado sobre o processo científico quando idealizado, como muito bem apontado por Bruno Latour e Steve Woolgar em *Vida de laboratório* (1979), livro que despertou as mais intensas reações ao colocar sob exame um ideal de produção científica.

Tomando a dialética pela qual Lacan propõe a relação de oposição entre verdade e saber, já desde seus primeiros seminários, a verdade seria justamente aquilo que explicita a incompletude

do saber. Uma concepção evidentemente oposta àquela de verdade absoluta, buscada nas formas erráticas tão valorizadas por nós psicanalistas: a verdade fala nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes, nos sintomas. O que, por si, já daria outro sentido ao “ali deve uma verdade advir”; sigamos.

A verdade emerge desestabilizando o saber, mas ela mesma se estabelece como um novo saber num momento seguinte, com o qual podemos nos identificar, no qual podemos nos amparar. Novo saber este que, por sua vez, será desestabilizado pela verdade. Dentro desse processo dialético, não podemos esquecer justamente a dimensão afetiva: se o saber produz amparo, a emergência de uma verdade produz angústia. Perder o objeto nunca é sem consequências, e sustentar uma posição de implicação com um objeto sem negar seu caráter provisório e contingencial não é, como sabemos, uma tarefa fácil. Talvez aí possamos compreender por que ideais de ciência que prometem mais do que conseguem cumprir são tão sedutores.

O que nos leva à segunda pergunta, sobre as particularidades de tais processos nos dias de hoje. Muito se fala sobre a capacidade de agrupamento e massificação possibilitada pelos ambientes virtuais, ao permitir o enlaçamento de indivíduos com traços identificatórios partilhados a despeito de limitações físicas. Isso é, sem dúvida, um fator central, entretanto há outro a ser considerado. Para além da importância da identificação lateral permitida pelo reconhecimento da partilha de um objeto de amor, como bem demonstrou Freud, há também o próprio processo de estabelecimento de um determinado objeto enquanto um objeto de amor. Em nossa discussão, do estabelecimento de uma ideia (ou um conjunto de ideias) como um objeto a ser defendido sem limitações.

Podemos depreender que as ferramentas digitais não se limitam à reunião de pares, mas produzem, elas mesmas, traços identificatórios. Como se, pensando na dialética verdade/saber, fosse possível produzir situações certeiras de questionamento de consensos estabelecidos, levando não somente à descrença em relação a certos saberes até então inquestionados, mas a um questionamento



generalizado da legitimidade dos consensos. O que pode ser visto nas frequentes chamadas que se iniciam com “o que não querem que você saiba” ou “você está sendo enganado”. Isso num contexto marcado pela emergência de figuras que não somente fomentam tal tipo de deslegitimação dos consensos, mas que se apresentam como enunciadoras da verdade. Se a enunciação de uma verdade que desestabiliza um saber produz angústia, a subsequente oferta de uma figura que pode ser reconhecida como enunciativa legítima do verdadeiro produz amparo. Um amparo sustentado, agora, não por uma ideia específica, mas por um enunciador, alguém que se propõe a denunciar todas as mentiras. E que coloca a verdade absoluta enquanto algo a ser resgatado na cruzada contra os consensos que servem a interesses escusos.

Considerando que a produção de consensos, diferentemente da crença numa verdade

a COVID-19 impôs uma transformação radical do mundo como o conhecíamos: viver uma pandemia era inacreditável, e então, muitas coisas que pareciam incríveis se tornaram críveis.

absoluta, demanda um mínimo de engajamento e responsabilização pelo coletivo, não surpreende que uma sociedade marcada por processos de fragmentação social e individualização tenha dificuldades em sustentar o valor de um conhecimento que pode ser questionado. Afinal, se – como dizia Margareth Thatcher – o social não existe, tampouco existe consenso, ou ciência. Ao que parece, o mito que nos assombra tem raízes evidentes.

Vanessa Chreim

A relação do sujeito com a realidade tem revelado um rasgo inquietante há um bom tempo. Por exemplo, quando o dicionário Oxford elegeu o termo “pós-verdade” como palavra do ano de 2016. Curiosamente, foi neste ano que comecei a pesquisar o conceito de Recusa (*Verleugnung*), intrigada sobre esse mecanismo de defesa, que se revela cada vez mais presente na clínica contemporânea, muito além da perversão. Eis então que na pandemia de COVID as manifestações da Recusa se tornaram mais evidentes: Ivo Cassol, ex-governador de Rondônia, atestou que as faíscas de solda curam a COVID-19. Disse “O cara estava com coronavírus, foi soldar e se curou. Trouxe os funcionários, soldou e se curou”. É lógico que o negacionismo é um fenômeno complexo, mas podemos pensar que a COVID-19 impôs uma transformação radical do mundo como o conhecíamos: viver uma pandemia era inacreditável, e então, muitas coisas que pareciam incríveis se tornaram críveis.

Não podemos perder de vista que a Recusa que Freud (1927) descreve não é relativa à

realidade material, e sim à realidade psíquica. O psiquismo se defende do que é insuportável, inadmissível, intolerável. É da dor, da solidão, do desamor, do desamparo, da finitude, da impotência, da ignorância, da decadência do corpo, e de tantas outras facetas da castração das quais todos nós fugimos.

Um dos alvos favoritos da Recusa é a relação do sujeito com o Saber, ou melhor, ela se impõe contra o não saber, sustentando crenças intransigentes, certezas inquestionáveis e convicções aprisionadoras, justamente como forma de livrar o psiquismo da angústia face à imprevisibilidade da vida, como na pandemia. Nos custou muito admitir que a ciência não era onipotente, que o processo de conhecimento leva tempo e envolve erros e riscos. Nós sempre soubemos disso, “mas, mesmo assim” (Mannoni, 1969), vivíamos uma necessária Recusa, até que de repente a ilusão se quebrou e a realidade se tornou insuportavelmente amedrontadora quando nos vimos ameaçados de morte. Até a forma como interpretamos



entre o tumultuado período eleitoral no Brasil, a Guerra da Ucrânia e da Rússia, e agora a de Israel e Hamas, vemos um assustador retorno do fanatismo.

a bula das vacinas mudou: essas letras miúdas assustadoras sempre anunciaram efeitos colaterais e reações adversas, mas a maior parte da população confiava nos médicos e aceitava os riscos. Mas quando a ciência não achou a cura da COVID-19, o “só sei que nada sei” se tornou um fosso tão desesperador que nos levou a afirmar o oposto: “não tenho dúvida nenhuma”.

Face ao desespero, as fakenews ganham espaço para proliferação, como discursos que prometem um saber privilegiado, inquestionável e que alimenta a ressurreição de nossas crenças, o que gera a sensação de segurança e pertencimento. Confesso que eu mesma compartilhei fakenews sem me dar conta: era uma notícia a respeito de um político, que parecia bem capaz de fazer o que o texto sugeria, visto que já não faltavam exemplos de intolerância da sua parte. Eu simplesmente não duvidei: angustiada com o cenário político, parecia ter encontrado ali uma comprovação da minha crença, e só cliquei no “compartilhar”. Mea culpa.

Ironicamente, quem mais procurou combater o negacionismo na pandemia acabou guinando também para uma relação pretensiosa com um saber absoluto: Natalia Pasternak decidiu dizer o que é ciência ou não. Curioso ela ter escolhido a Psicanálise como alvo, afinal, reconhecer a existência do inconsciente é conceber um ser humano ignorante a respeito do que se passa em sua própria mente. O não saber é um lugar ético na psicanálise, mas para algumas pessoas, só quem promete a pílula de felicidade é que merece o título de ciência. Afinal, quem quer saber de castração?

Tenho muito respeito pelos mecanismos de defesa: seja escutando um negacionista, ou uma

mulher que só se dá conta na idade adulta que viveu um abuso sexual na infância, eu compreendo que a Recusa teve ali um papel protetivo. Mas a armadura pode virar uma armadilha: toda defesa tem um potencial para aprisionar o sujeito em modos de relacionamentos autodestrutivos. Nesse sentido, acho muito inspirador quando Green (1974) propõe que o objetivo da análise é colocar o paciente em contato com sua própria realidade psíquica, o que não tem nada a ver com confrontar o paciente com uma suposta verdade.

A verdade é sempre transitória, assim como as teorias psicanalíticas, e as narrativas históricas. Nos últimos anos, vimos surgir um questionamento muito profícuo a respeito da tal “Descoberta do Brasil”. A reinterpretção e a construção de novas narrativas permitiram reconhecer as marcas de colonização e escravização, que continuam atravessando nosso tecido social, como no racismo estrutural. O perigo é o de uma história única (parafrazeando Chimamanda Ngozi Adichie), é de presumir que existe uma realidade unívoca.

Afinal, é essa a posição enquistada do fetichista: ele continuou acreditando que a mulher tinha um pênis e foi castrada, porque ele não abriu mão da teoria sexual infantil do primado do falo, não se deixou transformar pelo não saber ao se defrontar com a diferença sexual. Assim, ele precisa desmentir a castração justamente porque a teme. As fakenews e o negacionismo também vêm desacreditar a ameaça em vez de se deixar transformar por novas informações, como os que dizem “ah, mas você ainda acredita na mídia?”. Ou será que no fundo ninguém acredita na mídia? Ou só na mídia que lhe convém?

Entre o tumultuado período eleitoral no Brasil, a Guerra da Ucrânia e da Rússia, e agora a de Israel e Hamas, vemos um assustador retorno do fanatismo, que é fomentado pelas próprias estruturas de consumo das redes sociais, feitas para não pensar. Fiz um exercício: perguntei para os amigos se eles concordam com certas frases (discursos de ódio) que estão nos vídeos que compartilharam, e felizmente, eles diziam que não, e então,

espontaneamente, retiravam a postagem do ar. Se cada um de nós tirasse tempo para escrever o que pensa, ou melhor, pensar sobre o que escreve, quem sabe teríamos um rico campo de diálogo construindo uma compreensão mais complexa dos fenômenos. Mas quem de nós vai ler o texto do amigo? E quem de nós vai estar aberto a ser interrogado e admitir que mudou de opinião?

Ora, o Instagram não foi feito para isso. É Insta, instantâneo. Os stories não contam história nenhuma, é uma imagem sem contexto que induz o espectador a tirar conclusões apressadas. Assim, na velocidade das redes sociais emitimos opiniões sobre o mundo, dizemos o que pensamos, por meio de um aplicativo que – paradoxalmente – muitos dizem que usam para não

pensar. Assim como outras formas de adicção e consumo impulsivo, o bombardeio de estímulos da tela opera como uma alucinação negativa, que permite a Recusa da realidade psíquica.

Mas há Recusas mais porosas e outras menos: conforme nos blindamos para não entrar em contato com o impensável, nos tornamos menos aptos a pensar, sentir e julgar (Arendt), o que abre campo para a violência cega. Em nome da religião, da ciência e até da Psicanálise, já ocorreram muitas violências na história da humanidade. Como confessei acima, também tenho meus momentos anencéfalos e também corro o risco de pasteurizar diferenças e me tornar intolerante. Então, por favor, avisem-me com carinho, que eu tento não recusar.